

SILÊNCIO NA SELVA: A JORNADA DE *ALFRED RUSSEL WALLACE* E A HISTÓRIA DE *BAKER*, O JOVEM SURDO NA AMAZÔNIA

Robson Lima da Silva ¹
Karine Canani de Oliveira ²
Cláudio Barbosa Machado ³

RESUMO

Este trabalho visa trazer a lume pesquisas realizadas nos lavrados roraimenses a partir dos relatos de *Alfred Russel Wallace*, no livro: *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* (1853). *Wallace*, co-autor da teoria da seleção natural, narra sobre os estrangeiros que viviam na cidade da Barra do Rio Negro, atual cidade de Manaus, capital do Amazonas, sendo três alemães e um jovem surdo norte-americano, de nome *Baker*, que tinha a pretensão de seguir até Demerara, pelo rio Branco, e regressar aos Estados Unidos. *Baker* foi educado junto com *Laura Bridgman* para se tornar professor. No regresso a sua terra natal, ele foi atacado pelo chamado “duende da Amazônia” e seus aliados vindo a falecer em 1850, na fortaleza de São Joaquim do Rio Branco. Conduzimos pesquisas de campo e bibliográficas sobre os exploradores e naturalistas que atuaram na Amazônia no final do século XIX. Além disso, buscamos informações em instituições de ensino para surdos nos Estados Unidos, com o objetivo de descobrir mais sobre a vida do jovem norte-americano *Baker*. Ele se destacou como um pioneiro de sua época, dedicando sua vida à busca da *práxis* da educação especial.

Palavras-chave: *Alfred Wallace*, rio Negro, rio Amazonas, *Baker*, *Laura Bridgman*.

INTRODUÇÃO

Durante a graduação em Engenharia Civil, na cidade de Manaus, enquanto cursando a disciplina Resistência de Materiais I, surgiu o anseio de pesquisar sobre blocos cerâmicos produzidos na localmente, conforme a NBR 15270 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). No entanto, a primeira dificuldade encontrada foi o fato de que a cidade de Manaus não possui nenhuma olaria.

Surgem, então, as primeiras indagações: onde estão localizadas as olarias que abastecem a indústria da construção civil em Manaus? Descobre-se que elas se concentram no município de Iranduba-Amazonas, que atualmente encontra-se

¹Graduado pelo Curso de Matemática e Graduando em Direito pela Faculdade Internacional Cidade Viva - PB, robson.topoengcivil@gmail.com;

²Pós-graduação em Psicopedagogia, Graduada pelo Curso de Pedagogia e Graduada pelo Curso de Psicologia no Centro Universitário UNIESP - PB, kacanani@gmail.com;

³Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - PI, mauchado@hotmail.com.



conectado à capital por uma ponte estaiada com 3.505 metros de extensão total, sendo 400 metros de trecho estaiado, largura total de 20,70 metros, vão central de 55 metros de altura e torre central com 182 metros de altura. A obra foi concluída em outubro de 2011, conforme dados do Estudo Prévio de Impacto Ambiental da Construção da Ponte sobre o Rio Negro, elaborado pelo Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM), do Governo do Estado do Amazonas.

Desde a fundação da cidade da Barra do Rio Negro, em 1669 — atualmente Manaus, capital do Amazonas —, onde se localizava a primeira olaria? Quais fatores contribuíram para o deslocamento das olarias para o município de Iranduba, no estado do Amazonas?

Todas essas perguntas e indagações só encontraram respostas a partir da análise dos fatores históricos, geográficos, sociais, econômicos e políticos da cidade de Manaus, no estado do Amazonas. Esse processo de investigação culminou na aprovação de um artigo no 49º Congresso Brasileiro de Geologia, realizado no Rio de Janeiro, com o tema: *"Argilas utilizadas no polo oleiro-cerâmico da região metropolitana de Manaus: Das ygasáuas ao desenvolvimento urbano sustentável."* Durante essa jornada de pesquisa, deparei-me com os relatos de *Alfred Russel Wallace* no livro *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro* (1853), nos quais ele descreve aspectos geográficos, sociais e econômicos da antiga cidade da Barra do Rio Negro. No entanto, o que mais chamou atenção foram os trechos transcritos a seguir:

Na cidade residiam também três alemães, um dos quais entendia um pouco de ciências naturais. E todos três sabiam cantar muito bem.

Por essa forma, contribuíam com algum divertimento. Havia ainda outro estrangeiro, um norte-americano, de nome Baker, que era surdo-mudo.

Era um rapaz muito inteligente e bem humorado, que trazia tanto os brasileiros, como nós outros, em constante alegria. (WALLACE, p. 226, 2004)

Durante a leitura da narrativa de *Alfred Russel Wallace*, chamou-me a atenção a afirmação de que Baker havia estudado com *Laura Bridgman*. Intrigado, perguntei à minha esposa — pedagoga e psicopedagoga — quem havia sido Laura Bridgman. Ela prontamente respondeu: foi a primeira surdocega americana a ser alfabetizada no mundo. Surpreso com essa informação, comecei a me questionar o que Baker estaria fazendo no Brasil, especialmente na região da antiga Barra do Rio Negro. A partir desse ponto, decidi dedicar-me ao resgate da história real de Baker e à compreensão de sua relevância nos estudos sobre deficiência. Passei a enxergá-lo como um representante simbólico de tantas pessoas com deficiência que foram excluídas dos registros históricos — especialmente aquelas que, como ele, não tiveram a oportunidade de retornar aos Estados Unidos para relatar suas vivências e práticas.

Alfred Russel Wallace, naturalista britânico e coautor da teoria da seleção natural, realizou extensas viagens pela Amazônia brasileira entre 1848 e 1852. Em sua



obra *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro* (1853), publicada pouco após sobreviver ao naufrágio do brigue Helen durante o retorno à Inglaterra, Wallace descreve não apenas a rica biodiversidade da região, mas também aspectos culturais e sociais dos habitantes locais e dos estrangeiros que ali viviam. Entre os personagens mencionados, destaca-se um jovem surdo norte-americano chamado Baker, residente na cidade da Barra do Rio Negro (atual Manaus), que planejava seguir viagem pelo rio Branco até Demerara, de onde pretendia retornar aos Estados Unidos. Embora Wallace não aprofunde os detalhes sobre a história de Baker, essa breve referência abre espaço para reflexões contemporâneas sobre os silêncios históricos, a representação da deficiência e os desafios da educação inclusiva.

O estudo busca resgatar e analisar a figura histórica de Baker, refletir sobre a invisibilidade das pessoas com deficiência nos registros científicos e históricos, propor práticas educativas baseadas em narrativas inclusivas e, por fim, destacar a extraordinária e pouco conhecida expedição realizada pelo jovem surdo Baker em sua busca pela práxis da educação especial.

METODOLOGIA

Para efeito deste trabalho, realizamos uma pesquisa qualitativa, exploratória e interpretativa, com abordagem interdisciplinar entre História, Educação Inclusiva, Literatura e Estudos Culturais. Para alcançar os objetivos realizamos uma pesquisa qualitativa — voltada à compreensão de significados e experiências, com caráter exploratório, por se tratar de um tema ainda pouco abordado na literatura, e interpretativo, ao buscar atribuir sentido à trajetória do jovem surdo Baker a partir de fontes históricas e culturais.

A pesquisa buscou articular diferentes fontes, combinando investigação de campo com a análise dos relatos originais de *Alfred Russell Wallace*, pesquisas bibliográficas sobre naturalistas estrangeiros na Amazônia no século XIX e levantamentos em instituições americanas de ensino para surdos, com foco na trajetória de *Laura Bridgman* e na educação especial da época.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1.2 Educação inclusiva

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) **REAFIRMANDO** na Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, o direito à educação de todos os indivíduos, tal como está inscrito na Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, e renovando a garantia dada pela comunidade mundial na Conferência Mundial sobre Educação para Todos de 1990 de assegurar esse direito, independentemente das diferenças individuais.



A Constituição da República Federativa do Brasil (1988), Constituição Cidadã, preceitua nos artigos 205 e 206 que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família. A promulgação da Lei nº 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), estabelecendo no artigo 60-A, a educação bilíngue de surdos no Brasil. Essas diretrizes são essenciais para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos. Conforme emana no artigo 60-A, em epígrafe:

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos.

Cinco anos após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), foi sancionada, em 24 de abril de 2002, a Lei nº 10.436, conhecida como Lei de Libras, que reconhece oficialmente, em seu artigo 1º, a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão.

Art 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo Único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil

Com o objetivo de assegurar e promover, em condições de igualdade, o pleno exercício dos direitos e das liberdades fundamentais, foi promulgada a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015). Essa legislação visa à inclusão social e ao exercício pleno da cidadania pelas pessoas com deficiência, conforme estabelece o artigo 4º:

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas.



§ 2º A pessoa com deficiência não está obrigada à fruição de benefícios decorrentes de ação afirmativa.

Ao analisarmos os direitos vigentes em 1848 — período em que *Alfred Wallace* e o jovem surdo *Baker* estavam sob a égide da primeira Constituição do Brasil, outorgada por Dom Pedro I em 1824 — observamos que essa Carta estabelecia os direitos individuais principalmente no Título VIII, intitulado “Das Disposições Gerais, e Garantias dos Direitos Cíveis e Políticos dos Cidadãos Brasileiros” (arts. 179 a 181). Esse título assegurava garantias como a liberdade civil, a inviolabilidade da propriedade, o direito à segurança e a igualdade perante a lei, ainda que restritas ao contexto de um Estado monárquico e centralizador.

Com a promulgação do primeiro Código Civil brasileiro — a Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916, conhecida como Código Civil de Clóvis Beviláqua —, as pessoas com deficiência, especialmente os surdos-mudos, foram tratadas de forma discriminatória, refletindo os valores capacitistas predominantes na época. A legislação classificava como absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil os surdos-mudos que não conseguiam exprimir-se de modo compreensível. Essa perspectiva jurídica reforçava a exclusão social e evidenciava a importância do acesso à educação como meio de garantir cidadania e autonomia, conforme já reconhecido no Artigo 5º da referida lei.

Art. 5. São absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil:

I. Os menores de dezesseis anos.

II. Os loucos de todo o gênero.

III. Os surdos-mudos, que não puderem exprimir a sua vontade.

IV. Os ausentes, declarados tais por ato do juiz.

Essa visão jurídica desconsiderava completamente as capacidades intelectuais e expressivas de muitos surdos, como o jovem surdo americano *Baker*, cuja trajetória revela formas alternativas e eficazes de comunicação e participação social. O enquadramento legal reforçava o estigma e a exclusão, ignorando o potencial cognitivo e a autonomia das pessoas com deficiência, sobretudo em contextos nos quais a linguagem não-verbal ou sinais poderiam suprir as barreiras comunicacionais impostas pela oralidade.

Os relatos de *Wallace* sobre o jovem *Baker* destacam-no como um verdadeiro pioneiro de sua época, dedicado à busca da práxis da educação especial e demonstrando notável inteligência, sensibilidade e alinhamento com a vanguarda do conhecimento científico de seu tempo

1.3 O jovem “surdo-mudo” americano *Baker*

Quem não gosta de um dedinho de prosa, quem não gosta de uma bela história, quem na época do Território Federal de Roraima, ou do estado de Roraima, não ouviu falar de uma grande história e não teve a vontade de descobrir a verdade...



Roraima, terra das lendas e histórias encantadoras como: Pedra Pintada, Cruviana, Canaimé, Monte Roraima, Macunaíma, Marechal Rondon, garimpeiro Chico Preto, dentre as histórias escritas e perdidas, ao ler a tradução do livro: *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* (1853), Viagens pelo Amazonas e rio Negro, tradução de Orlando Torres, prefaciada, anotada e revista por Basílio de Magalhães, publicado pela primeira vez no Brasil em 1938, pela editora Campanha Editora Nacional, e ler a descrição da cidade da Barra do Rio Negro (1849), atual cidade de Manaus, capital do Amazonas e encontrar o jovem “surdo-mudo” americano *Baker*, com pretensão de navegar as bacias hidrográficas dos rios Negro, Branco, Tacutu entre outros e alcançar a *Demerara*, atual Guiana Inglesa ou Guiana Britânica. Atualmente perfazer o trajeto de 132,9 km da cidade de Boa Vista-RR à cidade de *Lethen*, na Guiana Inglesa é algo rotineiro para os roraimenses, para comercializar produtos com os “my friends” é corriqueiro, mas realizar este trajeto por via terrestre e fluvial percorrendo os Rios Amazonas, Negro, Branco, Tacutu, Rupinuni e Essequibo, no ano de 1849, para um jovem americano “surdo-mudo” relatado por *Alfred Wallace* é inacreditável! Este relato motivou a busca para descobrir a viabilidade e as condições épicas deste trajeto.

Os naturalistas *Alfred Russel Wallace*, e seu amigo *Henry Walter Bates* chegam ao Brasil, em 26 de maio de 1848, impulsionados pela publicação e leitura do livro: *A Voyage up the Amazon*, de *W. H. Edwards* (1847). *Wallace* e *Bates*, 25 e 23 anos, respectivamente chegam a cidade de Belém-Pará e trabalharam juntos na região do baixo rio Amazonas entre (Belém-Santarém), inclusive o rio Tocantins, sendo que no ano de 1849, *Wallace* e *Bates* resolvem separar.

No dia 31 de dezembro de 1849, *Wallace* chega a cidade da Barra-do-Rio-Negro, atual cidade de Manaus, no estado do Amazonas, reencontrando com o Sr. *Bates* que havia chegado poucos dias depois. *Wallace* comenta sobre os estrangeiros que viviam na cidade da Barra do Rio Negro, sendo três alemães e um jovem estrangeiro “surdo-mudo”, de nome *Baker*, que tinha a pretensão de seguir até *Demerara*, pelo Rio Branco, e regressar aos Estados Unidos.

Ao analisar a descrição *ipsis litteris*, do naturalista inglês *Alfred Russel Wallace*, onde retrata a visão eurocêntrica sobre a cidade da Barra, no século XIX, no período histórico conhecido como Era Vitoriana (1837-1901), no qual seu encontro com o jovem “surdo-mudo” americano *Baker* foi marcante, pois o livro *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* (1853), foi escrito por *Wallace* após o naufrágio, ocorrido em 12 de julho de 1852, ao embarcar no brigue *Helen* rumo à Inglaterra. Durante a travessia do oceano Atlântico, após 26 dias de navegação, ocorreu um incêndio que obrigou a tripulação a abandonar o navio. *Wallace* só teve apenas a oportunidade de salvar seus diários e os rascunhos dos peixes que coletou no rio Negro permanecendo à deriva por dez dias, até serem resgatados por um navio vindo de Cuba, inclusive a Universidade de São Paulo (USP) realizou a publicação bilíngue (português-inglês), *Peixes do Rio Negro/Fishes of the Rio Negro*, sendo a 1ª edição, impressão em 2002, a reprodução completa das 212 ilustrações de peixes feitas e salvas do naufrágio por



Wallace durante sua expedição ao Rio Negro, na Amazônia, entre (1850-1852), e doados pelo próprio ao Museu Britânico.

Na cidade residiam também três alemães, um dos quais entendia um pouco de ciências naturais.

E todos três sabiam cantar muito bem.

Por essa forma, contribuíam com algum divertimento.

Havia ainda outro estrangeiro, um norte-americano, de nome *Baker*, que era “surdo-mudo”.

Era um rapaz muito inteligente e bem-humorado, que trazia tanto os brasileiros, como nós outros, em constante alegria.

Fora educado com *Laura Bridgman*⁴ na mesma instituição, para ser professor de surdos-mudos.

Ele parecia ter extraordinária paixão por viagens, e isso, provavelmente, como o único meio de lhe fornecer, através de seu único sentido, a necessária soma de estímulos para a sua mente.

Já tinha viajado através do Peru e do Chile; e, no Brasil, de Belém até Barra. A sua pretensão agora era seguir até *Demerara*⁵, pelo rio Branco, e de lá alcançar outra vez os Estados Unidos.

Mantinha-se à custa da venda de um alfabeto para surdos-mudos, com explicações em espanhol e português.

Trazia sempre consigo uma ardósia, na qual escrevia algumas frases em inglês ou francês e também muito corretamente em espanhol.

Por essa maneira, podia tornar conhecidos todos os seus desejos.

Em toda casa da Barra, ficava ele tão à vontade, como se fosse no seu próprio lar.

Entrava ou saía, quando muito bem entendia, pedindo, com a sua mímica, tudo que queria.

Era um rapaz muito alegre, que gostava de fazer graças para os outros, com as suas estranhas gesticulações.

Arvorava-se em frenologista⁶.

Para isso, apalpava a cabeça de um português ou de um brasileiro, e, em seguida, escrevia sempre em sua ardósia:

“*Very fond of the ladies.*”

⁴ *Laura Dewey Bridgman* nasceu em *Hanover, New Hampshire*, em 21 de dezembro de 1829, filha de agricultores trabalhadores da Nova Inglaterra. Aos 24 meses, ela adoeceu com escarlatina por muitas semanas e perdeu a visão, a audição, olfato e quase todo o paladar. *Laura Dewey Bridgman* foi a primeira estudante com surdocegueira a ser educada formalmente. Ela e o diretor fundador da *Perkins, Samuel Gridley Howe*, tornaram-se mundialmente famosos por essa conquista.

⁵ Atualmente, a Guiana Inglesa ou Guiana Britânica é um país do norte da América do Sul que, antes de ser independente, havia sido formado por três colônias neerlandesas (Essequibo, Demerara e Berbice).

⁶ Com a influência da fisionomia, mas com um caráter “analítico e quantitativo”, a frenologia surge a partir dos estudos de *Franz Joseph Gall* e de seu discípulo *Johann Gaspar Spurzheim*, cientistas de língua alemã que acabam por difundir suas ideias, o primeiro em língua francesa e o segundo para a comunidade de língua inglesa. Em linhas gerais, a ideia da disciplina frenológica era a de que a “conformação da caixa craniana, dependendo de seu tamanho e suas protuberâncias, designava diferentes aspectos da personalidade do indivíduo”. *Gall e Spurzheim* “estabeleceram regiões anatômicas do crânio em relação a funções do cérebro responsáveis por virtudes e falhas do caráter”.



É, quando isto era traduzido para a língua portuguesa, “louco por mulheres”, quase sempre provocava as mais francas gargalhadas de todos os que se achavam presentes e que diziam então: “É verdade”, com manifestos sinais de espanto pela penetração de *Baker*.

Era um fumante inveterado e bebia muito vinho e outras bebidas alcoólicas, mas abusava tanto que, por vezes, chegava a ponto de fazer papel ridículo com as suas extravagâncias.

Contudo, era geralmente estimado, e, por muito tempo ainda, será lembrado pelo povo de Barra.

Pobre rapaz! Não veria mais nunca o seu torrão natal!

Poucos meses depois, veio a falecer na Fortaleza de São Joaquim⁷, no Rio Branco de febre amarela, segundo se disse. (WALLACE, 2006, p. 226-227)

Na segunda metade do século XIX a única rota marítima que permitiria *Baker* regressar aos Estados Unidos da América partia da Demerara, atual República Cooperativa da Guiana ou simplesmente Guiana Inglesa, neste mesmo período, 31 dezembro de 1949, em que o naturalista *Alfred Russel Wallace* chega a cidade da Barra Rio Negro, atual Manaus-Amazonas, seu amigo o naturalista *Henry Walter Bates*, relata no livro *The Naturalist on the river Amazonas* (1892), O naturalista no rio Amazonas (1892), encontrava-se na Baía de Marajó, no Pará.

Os dois naturalistas iniciaram juntos as suas excursões de estudos, feitas, a princípio, nas circunvizinhanças de Belém do Pará, e, depois, pelo rio Tocantins. Em 1849, cada um deles tomou rumo diverso, tornando a avistar-se em Barra do Rio Negro, onde estiveram juntos de fevereiro a março de 1850. Ali, os dois cientistas novamente se separaram, não mais se encontrando em território brasileiro. *Bates* resolveu efetuar sozinho a exploração do resto da bacia amazônica, por ele denominada “o paraíso do naturalista”, e ali permaneceu até 1859. Colecionou naquela vasta e diviciosa região cerca de 15.000 espécies zoológicas, das quais pelo menos 8.000, segundo a sua própria asserção, eram novas para a ciência. (WALLACE, 2006, p. 14)

Na Baía de Marajó, *Henry Walter Bates* encontrara uma família alemã chamada *Petzell*, logo após duas crianças ruivas de olhos azuis falarem em inglês com ele, posteriormente seu pai surge. O Sr. *Petzell* estava vivendo na floresta, à moda indígena, pois havia várias tribos de índios, dos quais os principais eram os Tupinambás e Nheengaíbas, cerca de uma milha de Caripi.

Petzell explicou a *Bates* que veio para o Brasil com treze anos de idade, juntamente com vários outros alemães, sob compromisso de servir no Exército Brasileiro, após cumprido o serviço militar veio residir no Pará para conhecer melhor o país e alguns meses resolveu deixar o Brasil para se estabelecer nos Estados Unidos. Casou-se, foi para o estado americano de *Illinois* e estabeleceu-se como fazendeiro perto de *St. Louis*. Ao longo de sete ou oito anos permaneceu em sua fazenda e teve

⁷ S. Joaquim (Fortaleza de) na margem esquerda do rio Tacutú, 98 legoas acima do foz do Rio Branco, 164 da confluência do Rio Negro, e 239 da foz do Nhamundá. Latt. 3° 04'N., Long 26° 05' O. de Olinda. Foi fundada em 1775, por orden do Governador do Estado, Francisco Xavier Mendonça Furtado, de 1756. He hum paralelogramo, de que hum dos lados maiores deita para o rio: elle, assim como os seu opposto, tem no meio curto reitrante recto, onde não pode jogar mais de huma peça. Cada hum dos pequenos faz huma cortina, em cujas extremidades ha dous meio-baluartes, de calibre 6 a 4, das quaes tres forão tomadas aos Hespanhoes no Posto Militar de São João Baptista do R. Idúme. Em 1842, por orden do Commandante das Armas, Francisco Sergio de Oliveira, fizeram-se alguns reparos, que por insignificantes pouco aproveitarão “[sic]”.



uma família de cinco filhos.

Sr. *Petzell* nunca conseguiu esquecer, a vida livre no rio e o verão perpétuo das margens do Amazonas, então convenceu sua esposa a vender seus bens na América do Norte e migrar para o Pará. O naturalista e explorador inglês *Bates* relata as dificuldades e os perigos enfrentados pela família *Petzell* ao regressar dos Estados Unidos para Província do Grão-Pará, em 1849:

Ninguém pode imaginar as dificuldades que o pobre sujeito teve que passar antes de chegar à terra de sua escolha. Ele primeiro desceu o *Mississippi*, sentindo-se seguro de que uma passagem para o Pará poderia ser obtida em *Nova Orleans*. Lá, disseram-lhe que o único porto na América do Norte de onde ele poderia partir era *Nova York*; mas não havia chance de um navio navegar dali para o Pará, então ele pegou uma passagem para *Demerara*, pois o levaria, de qualquer forma, perto da terra desejada. Não há comunicação alguma entre *Demerara* e Pará, e ele foi forçado a permanecer aqui com sua família por quatro ou cinco meses, durante os quais todos pegaram febre amarela, e um de seus filhos morreu. Por fim, ele ouviu falar de um pequeno navio costeiro indo para *Caiena*, então embarcou e assim chegou a outra etapa mais perto do fim de sua jornada. Pouco tempo depois de chegar a *Caiena*, ele embarcou em uma escuna que estava indo para o Pará, ou melhor, para a ilha de Marajó, para uma carga de gado. Ele agora se fixou, depois de todas as suas andanças, em um pequeno recanto saudável e fértil nas margens de um riacho perto de Caripi, construiu para si uma cabana de madeira e plantou um grande canteiro de mandioca e milho indiano. Ele parecia estar muito feliz, mas sua esposa reclamava muito da falta de comida saudável, carne e pão de trigo⁸ (Tradução nossa) (*BATES*, 1892, p. 88-89)

Wallace, ao lamentar a morte do jovem americano *Baker*: “Pobre rapaz! Não veria mais nunca o seu torrão natal! ”. *Wallace* havia vivido a perda de seu irmão mais velho, aquém o inspirou, mas próximo de retornar a Inglaterra sofre uma terrível perda a morte seu irmão caçula, *Hebert*. Ao longo de diversas viagens dos naturalistas e expedições amazônicas doenças tropicais retratadas e transmitidas pelos seus vetores conhecidos em diversas regiões do Brasil por: mosquitos, pernileiros, muriçocas ou carapanãs, a qual transmite doenças conhecida como: sezão, tremedeira, batedeira, febre amarela, maleita ou malária, conhecida popularmente como: impaludismo, paludismo, febre palustre, febre intermitente, febre terçã benigna, febre terçã maligna e arbovirose (dengue, zika, *chikungunya*, *oropouche* e febre amarela).

Nesse momento, uma tarefa dolorosa caiu sobre ele. Irmão de *Wallace*, que

⁸ *No one can imagine the difficulties the poor fellow had to go through before reaching the land of his choice. He first descended the Mississippi, feeling sure that a passage to Pará could be got at New Orleans. He was there told that the only port in North America he could start from was New York; but there was no chance of a vessel sailing thence to Para, so he took a passage to Demerara, as bringing him, at any rate, near to the desired land. There is no communication whatever between Demerara and Pará, and he was forced to remain here with his family four or five months, during which they all caught the yellow fever, and one of his children died. At length he heard of a small coasting vessel going to Cayenne, so he embarked and got thereby another stage nearer the end of his journey. A short time after reaching Cayenne he shipped in a schooner that was going to Pará, or rather the island of Marajo, for a cargo of cattle. He had now fixed himself, after all his wanderings, in a healthy and fertile little nook on the banks of a rivulet near Caripi, built himself a log hut, and planted a large patch of mandioca and Indian corn. He seemed to be quite happy, but his wife complained much of the want of wholesome food, meat and wheat bread.*



havia chegado ao Pará cerca de três semanas antes de Bates, foi apreendido com sintomas da febre que grassava na cidade enquanto os dois estavam se divertindo lá. Bates o levou para a casa de um amigo nativo, cuidou dele, dormiu ao seu lado quatro noites, e então sucumbiu ao que, felizmente, provou ser uma forma da epidemia. O jovem Wallace piorou e, depois de sofrendo as agonias angustiantes do "vômito preto", morreu em alguns dias. Bates se recuperou o suficiente para poder comparecer ao funeral deste "jovem infeliz e de bom coração", como ele chama-o em seu diário⁹. (Tradução nossa) (BATES, 1892, p. 26)

Na busca malograda do jovem americano “surdo-mudo” *Baker*, por intermédio de pesquisas e contato através de e-mail, com a *Parkins School the for Blind*¹⁰ (em inglês), na intensa busca de conhecer mais a trajetória do jovem descrito por Wallace, na referida escola obtive a seguinte resposta:

Olá, Robson!

Não temos registro de nenhum estudante do sexo masculino chamado *Baker* até 1860. Também não temos registro de um professor chamado *Baker* durante esse tempo. Há um curador da *Perkins*, chamado *Joseph Baker* por alguns anos, mas ele não era um estudante. Há duas alunas chamadas *Baker* até esse tempo. Alguém não estaria em *Perkins* para aprender a ensinar alunos surdos (ou surdos e mudos). *Perkins* só aceitava alunos cegos ou surdo cegos e normalmente não treinava professores durante esse período. Como mencionei, a Escola Americana para Surdos pode ter informações. Lamento não podermos ajudar, mas parece que a informação foi confusa em algum lugar, já que não temos ninguém chamado *Baker* que se encaixe na pessoa sobre a qual *Wallace* escreve. Por favor, deixe-me saber se você tiver perguntas específicas sobre *Perkins*, ficarei feliz em ajudar com elas.

Jennifer Arnott, Bibliotecária de pesquisa, Escola *Perkins* para Cegos. (Tradução nossa) (*Parkins School the for Blind*, 2018)

Nesta busca malograda podemos inferir algumas respostas sobre as dúvidas suscitadas no relato de *Alfred Russel Wallace*, que pode ter confundido a *Parkins School the for Blind*, Escola *Parkins* para Cegos, com a *American School for the Deaf*, Escola Americana para Surdos, devido a notoriedade e aos impactos mundial nos parâmetros educacionais, pois *Laura Dewey Bridgman* foi a primeira estudante com surdocegueira a ser formalmente educada, devido ao grande trabalho e empenho desenvolvido pelo diretor e fundador da *Parkins School the for Blind*, *Samuel Gridley Howe*. Outra

⁹ Just then a painful task fell to him. Wallace's brother, who had arrived at Pará about three weeks before Bates, was seized with symptoms of the fever then raging in the city while the two were amusing themselves there. Bates took him to the house of a native friend, nursed him, slept by his side four nights, and then succumbed himself to what, happily, proved a milder form of the epidemic. Young Wallace grew worse, and after suffering the distressing agonies of the "black vomit," died in a few days. Bates recovered sufficiently to be able to attend the funeral of this "unfortunate, good-hearted young fellow," as he calls him in his journal.

¹⁰ Hello, Robson! - We have no record of any male student named Baker up to 1860. We have no record of a teacher named Baker during that time either. There is a trustee of Perkins, named Joseph Baker for a few years, but he was not a student. There are two female students named Baker up through that time. Someone would not be at Perkins to learn how to teach students who were deaf (or deaf and dumb). Perkins only accepted students who were blind or deafblind, and did not normally train teachers during this time. As I mentioned, the American School for the Deaf may have information. I am sorry we cannot help, but it seems that information was confused somewhere, since we have no one named Baker who fits the person Wallace writes about. Please let me know if you have specific questions about Perkins, I am glad to help with those. Jennifer Arnott, Research Librarian, Perkins School for the Blind.



questão de grande importância é capacidade intelectual de *Alfred Russel Wallace* que escreve o livro: *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* (1853), depois de praticamente perder sua coleção e manuscritos e recordar com riquezas de detalhes longos anos de pesquisa, mas essa incansável busca pelo jovem *Baker* fez surgir novas evidências históricas da pedra bonita narrada pelo senhor Raimundo de Jesus Siqueira, na localidade de Vista Alegre em Caracará, no estado de Roraima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com grande alegria e satisfação ter a honra de poder tentar resgatar a trajetória do jovem surdo norte-americano *Baker*, a partir das descrições de *Alfred Russel Wallace* em sua expedição amazônica entre 1848 e 1852, e poder trazer a luz sobre um personagem até então silenciado pela história oficial. A presença de *Baker* na cidade da Barra do Rio Negro, atual Manaus, revela não apenas sua capacidade de adaptação e comunicação em um contexto desafiador, mas também sua inserção ativa nas dinâmicas sociais e culturais locais. Educado ao lado de *Laura Bridgman* e envolvido com práticas pedagógicas inclusivas para surdos, *Baker* representa um exemplo precoce de protagonismo na educação especial, muito antes do reconhecimento legal e institucional da acessibilidade educacional no Brasil.

A busca por sua história com a ajuda de instituições americanas permitiu revisitar não apenas fontes primárias raras, como o diário de *Wallace* e *Bates*, mas também provocar diálogos entre a história da ciência, os direitos das pessoas com deficiência e a memória social da Amazônia. A investigação, embora tenha encontrado limites — como a ausência de registros oficiais em instituições norte-americanas — reforça a importância de recuperar vozes esquecidas nos processos históricos, especialmente aquelas de pessoas com deficiência, cujas experiências foram sistematicamente negligenciadas.

A história de *Baker*, sua ousadia e tragédia, permanece como símbolo da resistência, do desejo de aprender e ensinar, e da luta por reconhecimento e dignidade. Neste “silêncio na selva”, emergem ecos que ainda hoje desafiam a sociedade a romper com o apagamento histórico e a valorizar as múltiplas formas de existência, linguagem e conhecimento. A jornada de *Baker*, embora interrompida precocemente, ecoa como testemunho da potência das narrativas inclusivas na reconstrução de uma memória mais justa, plural e acessível.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS. L. S. A. Dicionario Topographico, histórico, descriptivo da Comarca do Alto-Amazonas. Typographia Commercial de Meira Henriques. Recife, 1852.

ARREGUY, M. E. A leitura das emoções e o comportamento violento mapeado no cérebro. *Physis Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: IMS-UERJ, no 20, 2010, p. 1.267-1.292.

BATES. H. W. The naturalist on the River Amazons, a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. Ed. J. Murray. London. 1892.

BRASIL. Constituição Política do Império do Brasil (1824). Biblioteca Digital da



Câmara dos Deputados. Brasília, DF. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>. Acesso em 05 mai 2025.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm>. Acesso em 07 mai 2025.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 09 mai 2025.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 06 mai 2025.

BRASIL. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071.htm>. Acesso em 06 mai 2025.

BRASIL. Lei de Libras. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: Acesso em 06 mai 2025.

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em 06 mai 2025.

Parkins School the for Blind. Three Germans also resided in the city, one of which is a little bit of natural science. Destinatário: Robson Lima da Silva. Massachusetts: 8 mai. 2018. jennifer.arnott@perkins.org.

Parkins School the for Blind. Laura Bridgman. Disponível em: <<https://www.perkins.org/laura-bridgman/>> Acesso em: 24 jul 2024.

WALLACE, A. R. Peixes do rio Negro. Fishes of the rio Negro: Alfred Russel Wallace (1850-1852). Organização Mônica de Toledo-Piza Ragazzo. Uspiana Brasil 500 anos. Editora da Universidade de São Paulo. Imprensa Oficial São Paulo. 2002.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e na área das necessidades educativas especiais. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394>>. Acesso em 08 mai 2025.

